

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Aumentos tarifários de energia e respeito ao meio ambiente

Ditado conhecido diz, com propriedade, que: “É quando as águas baixam, que podemos ver quem nadava nu”. Trata-se aqui de um aforismo que, embora possa ser aplicado a diversas situações, serve como luva de pelica para a atual crise hídrica experienciada agora pelos brasileiros de modo severo, como um anúncio antecipado de maus augúrios.

O que está por vir pode ser lido por todos nas pedras que ficam no fundo dos rios e que agora estão expostas ao sol escaldante. O que as pedras dizem é que o futuro promete ainda menos água correndo sobre o leito dos rios, secas prolongadas e uma saúde do tempo em que os rios corriam fartos em águas cristalinas e com peixes diversos.

O que estamos fazendo com o mundo à nossa volta e com o nosso território não pode ser nominado por expressões civilizadas. A baixa severa e histórica de muitos rios do nosso país, como é caso do Rio Paraguai, responsável por banhar com suas águas uma área pantanosa de 195 mil km² e por onde é escoada grande parte da soja que o agronegócio exporta para países como a China para a engorda de suas manadas de porcos, acende a luz vermelha para os riscos que esse tipo de agricultura causa ao nosso meio ambiente.

A baixa desse importante curso d’água expõe a nudez moral e ética de todos aqueles que, direta e indiretamente, estão provocando o assoreamento e a seca do Rio Paraguai, destruindo o riquíssimo bioma do Pantanal em busca de lucros fáceis para uma pequena minoria de falsos agricultores, enfeitçados pela cor esverdeada dos dólares. Os verdadeiros agricultores são aqueles que respeitam o meio ambiente e a variedade de vida da flora e da fauna, pois sabem que é desse complexo sistema que retiram o sustento para si e para os seus.

Está nu, portanto, nessa tragédia, o atual governo, que assiste inerte às maiores queimadas já ocorridas no Pantanal e que, ao se posicionar cegamente ao lado do agronegócio, como salvação da balança comercial do país, empreendeu um desmonte completo de todos os órgãos de fiscalização e controle do meio ambiente e ainda colocou no comando da questão um ministro apontado em todo o planeta como inimigo declarado do meio ambiente.

Um sobrevoo em algumas regiões dentro da Bacia do Rio Paraguai dá mostras do desastre ambiental que aquela parte do país vem sofrendo, o que pode prenunciar mais um período de enormes queimadas para o Pantanal, demasiado devastado pelos incêndios ocorridos no ano passado. O mais incrível é que não se ouve qualquer alerta por parte das autoridades, devidamente avisadas antecipadamente da iminência desses desastres. Trata-se, aqui, de uma situação anunciada e, mais uma vez, ignorada.

Em algumas regiões, a profundidade do Rio Paraguai chega a menos de 40 centímetros, uma situação impensável até pouco tempo, quando se sabe que esse Rio é um importante corredor fluvial para embarcações de todo tipo. A situação do Rio Paraná, onde deságua o Paraguai, também é crítica e compromete outros países limítrofes do Brasil.

A crise hídrica, ao mostrar na prática os estragos provocados por uma agricultura depredativa sobre o meio ambiente, impactando a fauna e a flora ao longo de nossos principais cursos d’água, chega ao consumidor na forma de alta de preços, sobretudo na geração de energia por hidrelétricas. Talvez os apagões que se anunciam no fornecimento de energia e na elevação tarifária desse insumo possam fazer as autoridades entenderem que isso é apenas parte de um problema muito mais complexo e que tem seu início no respeito ao meio ambiente.

»»A frase que foi pronunciada

“Às vezes, não enfrentamos o que está acontecendo em nosso mundo, seja uma crise de água ou uma crise da terra, porque é um pouco assustador e doloroso. Assim como não queremos enfrentar as partes de nós que são um pouco desconfortáveis ou doloridas. Temos que enfrentar os dois e amar os dois para que possamos curar os dois.”

Alysia Reiner

Neoenergia

» Vale a pena algum diretor da própria empresa ligar para o número 116, de preferência entre 18h e 19h, para ver como está o atendimento ao público. Uma lástima.

Curiosidade

» Para quem não sabia, um deputado federal cearense anunciou no plenário que a deputada Alice Portugal estava ao lado de sua madrinha, a deputada Jandira Feghali.

Prata da Casa

» Brilha, com um currículo invejável, o nosso Néviton Barros, músico extremamente talentoso. Como doutor, faz parte do quadro, como professor-adjunto de Estudos Corais e diretor do Coro da Faculdade Muhlenberg College. A frase de vida de Néviton é: “Se você pode ser qualquer coisa nesse mundo, comece sendo gentil”.

»»História de Brasília

A iluminação da pista de alta velocidade, no subsolo da Rodoviária, está deficiente demais. Há trechos de mais de cinquenta metros sem uma única lâmpada acesa. Todas queimadas.
(Publicada em 7/2/1962)

Da façanha despertar

» JOSÉ ALBERTO SANTOS DA SILVA
Articulista da Frente Negra Gaúcha



sertos. Façanhudos se dizem realizadores de créditos negros, estes, desvalorizados com a libertação, mal pagos para construírem palácios, abrirem valas, iluminar catedrais. No coma da inconsciência coletiva, vivenciam a beleza do paraíso traduzindo-o em artes.

O empoderamento rejeita a glamourização de favelas e faz a branquitude pobre-tã recrudescer o espicaçar racista ao perceber negros à frente, ameaçando-lhes a reserva de mercado. Revoltados, resistem ao genocídio da população negra. Racistas matam negros e encardidos em becos e vielas. Debaixo da desmoralização das forças regulares por facções milicianas ferve a degradação tomada por vida normal. Ao despertar, o negro desconfia de irmandades e amizades; aí, se fala de racismo reverso, para confundirem-se conceitos e ações.

O Adolfo despenteado sopra sanguinolências. Retintos capitães do mato e índios embriagados repetem que sofremos pela herança negra e indígena. Alienados cantam e dançam por julgarem-se a salvo da “solução final”. No nazismo, perguntavam: “Quem és tu, um cientista, um artista? Não! Tu és judeu”. Tal surpresa terão os condenados por uma única e disfarçada gota de sangue negro. O Adolfo suicida alega ameaça comu-

nista da China, já que não fabricamos nem papel higiénico com 30 milhões de desempregados. Representam os que perderão status pelo mal que se desenha. Contrariamente às classes que se pensam elite com base em cargos e sonegações, a elite frequenta o esgoto Brasil por satélites.

Em 400 anos de escravidão, ao mentalizar dignidade e vingança, ao alternar rezas e maldições, luz e sombra, loucura e sanidade, a coletividade negra invocou reação cósmica sem saber o que fazia. Física, emocional e mentalmente enfraquecida pela opressão, buliu luminosidade que incendeia em vez de orientar. Despertou forças que não se controlam, como Kundalini, ou o lado justiceiro de um coletivo de orixás. Abriu todos os chacras da terra a um só tempo ao confundir emoções de música de religião com batidas de diversão, para retomar a consciência de si mesma. Ao dis-cutir crescentemente uma realidade que lhe é própria e única, a negrada aponta para uma façanha a ser glorificada pelo bem de todos. Por essa razão, a política da Frente Negra Gaúcha (FNG) soma-se à façanha de despertar a coletividade em geral e a negra em particular para a arte de conciliar interesses antagônicos.

O destino de Bolsonaro

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário e blogueiro

“Repórter Esso, testemunha ocular da história!” — era o mote do mais importante jornal televisivo de meio século atrás. A frase impressionava, ainda que, no fundo, não quisesse dizer grande coisa. Testemunhas da história somos todos nós, todo o tempo, por toda parte. Mesmo sem dispor, individualmente, do mesmo volume de informação daquele que “testemunhava a história”, cada um de nós também é testemunha dos fatos. Ao fim e ao cabo, nada mudou: ontem como hoje, continuamos assistindo ao desenrolar dos acontecimentos. De corpo presente.

Mas, não há que se diga, há momentos em que a gente tem impressão de que a história se acelera. Estamos justamente atravessando um deles. Momento é maneira de dizer — começou em 2018, com a subida ao trono do capitão, e continua. O brasileiro, com seu espírito criativo que deu nome ao mensalão, ao petrolão e ao rachadão, há de achar que este é um ‘momentão’. Interminável. A aceleração da história virou um torvelinho, uma espiral sem fim, que rodopia cada vez mais rápido e mais fundo. Às vezes, chega a parecer que o fundo do poço se aproxima mas, ai de nós!, tem sempre mais poço.

Muita gente anda desesperançada, quase conformada, disposta a baixar os braços e entregar os pontos. Não é o caso deste escriba. O distinto leitor há de se lembrar que, faz algumas semanas, o presidente da CPI da Covid conjecturou: “Membros do lado podre das Forças Armadas estão envolvidos com

falcatrua”. Melindrados, o ministro da Defesa e os comandantes das três Forças vestiram a carapuça e ameaçaram em uníssono: “Não aceitaremos nenhum ataque leviano às instituições”. Logo a seguir, em entrevista, um calejado tenente-brigadeiro da Aeronáutica liquidou a questão com poucas palavras: “Homem armado não ameaça”.

De lá pra cá, muita água passou pelos rios do Brasil, mas a aula do tenente-brigadeiro foi daquelas que não se esquecem. Só não entendeu quem não quis. A lição é simples: golpe não se anuncia, se dá. Quem saca e não atira perde o crédito. O caminho está traçado: golpe não haverá. Se houver, não dará certo. Se, assim mesmo, desse certo, não receberia a adesão daqueles que detêm a força — os que realmente contam. E tudo iria por água abaixo.

Francamente, golpe de Estado pode combinar com republiqueta de bananas — no Brasil do século 21, fica fora de esquadro. Ser pária internacional no delírio de um chanceler doido é uma coisa; ser apartado do convívio das nações civilizadas e sofrer as sanções reservadas para os países excêntricos é outra bem diferente. Alguém disposto a pagar para ver?

Vai ficando mais e mais claro que a sede que o capitão tem de se aferrar à Presidência não deriva tanto de querer manter o poder pelo poder, mas da paura de ser obrigado a passar pela casa prisão. Para escapar dessa terrível etapa, só resta uma opção — e Bolsonaro sabe disso. Já veremos qual é.